



## MULHER, PRA QUÊ RELIGIÃO? A CONSTITUIÇÃO DA EVANGÉLICA EXEMPLAR A PARTIR DO MINISTÉRIO DE ANA PAULA VALADÃO\*

Tatiana Bezerra Lopes\*\*

A socióloga da religião, Nina Rosas, publicou em 2020 seu livro *Mulher, pra quê religião?*, inspirado em um dos capítulos de sua tese de doutorado<sup>1</sup>. Com a redução da literatura acadêmica e inserções de experiências pessoais, a narrativa é equilibrada e instigante. A questão norteadora – pra quê ser evangélica em um mundo de tantas outras possibilidades? – persegue toda a escrita, delineando o modo que a religião está implicada no dia a dia das mulheres que a professam.

Passados alguns anos da defesa de sua tese, Nina Rosas apresenta um olhar “amadurecido e endurecido” acerca da complexidade do discurso de Ana Paula Machado Valadão Bessa. Filha do casal presidente da Igreja Batista da Lagoinha, Ana Paula Valadão lidera uma sede da igreja em Boca Raton (EUA) e é fundadora do Diante do Trono, conjunto musical com mais de 40 álbuns lançados. Além de pastora e cantora, ela é, das evangélicas, a mais influente, para não dizer a mais polêmica.

Seja na mídia ou em eventos da cena gospel, os pronunciamentos de Valadão são controversos. Eles passam por um ideal de beleza feminina (é feio mulher ter bigode), a discursos gordofóbicos (obesidade não combina com liderança religiosa), a promoção de boicotes a marcas que apoiam a causa LGBTQIA+, a afirmar que a “AIDS” é fruto do pecado. Isso sem falar do apoio manifesto a Jair Bolsonaro nas eleições de 2018.

\* Resenha: ROSAS, Nina. **Mulher, pra quê religião?** Uma crítica aos conselhos conservadores da pastora Ana Paula Valadão. [s.l.]: [s.n.], 2020.

\*\* Mestre em Antropologia Social. Doutoranda em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina e membra do Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades (NIGS/UFSC). E-mail: tatianabezerralopes@gmail.com

<sup>1</sup> ROSAS, Nina. **Cultura evangélica e dominação do Brasil:** música, mídia e gênero no caso do Diante do Trono. 2015. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.



*Mulher, pra quê religião?* se divide em dez capítulos e as temáticas são pautadas a partir dos comentários de Ana Paula Valadão e de outras pastoras da Lagoinha. No primeiro capítulo, “*Entendendo um pouco de evangélicos e de estudos sobre mulheres*”, Nina Rosas localiza a si mesma e sua experiência religiosa, bem aos moldes de Donna Haraway na perspectiva dos saberes localizados<sup>2</sup>.

A autora comenta que, quando era iniciante na pesquisa acadêmica, temia pelo que seus familiares – de tradição evangélica – e suas interlocutoras pensariam de seu trabalho. Com o passar do tempo, relata ter compreendido que pessoas que assumem uma fé, geralmente, têm orgulho de suas radicalidades, “não se envergonhando pelo que defendem como, talvez, muitos de nós nos envergonhamos como escrevemos”<sup>3</sup>.

Após essa reflexão inicial, de como nossa escrita é (ou não) afetada pelas múltiplas experiências em campo e por nossas subjetividades, Nina Rosas apresenta o evangelicalismo brasileiro. Seus dados apontam a já conhecida predominância de negros (pretos e pardos), pessoas de baixa escolaridade e de mulheres, bem como da heterogeneidade do grupo de mulheres que frequentam os eventos da Lagoinha, algo muito semelhante ao que Juliano Spyer apresenta em seu livro *Povo de Deus*<sup>4</sup>.

Nos capítulos 2 e 3, “*a mulher virtuosa está sobrecarregada*” e “*aparência e etiqueta: o que pode e o que não pode ser feito*”, respectivamente, somos apresentadas e apresentados a defesa de uma feminilidade evangélica. A mulher ideal é a *mulher virtuosa*. Modelo bíblico de esposa sempre ocupada, servindo a família e à igreja. A identidade desta mulher estaria atrelada a um homem, seu marido, e ao desempenho da maternidade.

Na estética se espera moderação. A primazia deve ser do espírito. A mulher virtuosa, já sobrecarregada pelo cuidado familiar e doméstico, precisa exercitar sua espiritualidade para tornar-se mais virtuosa e, conseqüentemente, mais domesticada. Nina Rosas não deixa de pontuar as contradições. Se o lado espiritual é o que deve prevalecer, isso não significa que o corpo é negligenciado, pelo contrário, há toda uma defesa de alimentação saudável, com produtos orgânicos e de baixa caloria, e uma permissividade a procedimentos estéticos, como os realizados, certa vez, por uma clínica de estética instalada em um congresso de mulheres.

Para Nina Rosas, o discurso de Ana Paula Valadão reforça um modelo feminino que não gera autonomia para as mulheres, nem contribui para a diminuição da desigualdade de gênero. A postura assumida por Valadão é antifeminista, enquanto Rosas apresenta um olhar feminista ao campo.

---

<sup>2</sup> HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 5, p. 07-41, 1995.

<sup>3</sup> ROSAS, 2020, p. 16.

<sup>4</sup> SPYER, Juliano. **Povo de Deus: quem são os evangélicos e por que eles importam**. São Paulo: Geração Editorial, 2020.



Passadas as ressalvas, a autora comenta sobre como as pedagogias acessadas contribuem para o cuidado pessoal e autoestima das evangélicas. A autora também não deixa de apontar sua impressão de que as fiéis não pareciam aceitar sem resistência certos ensinamentos que, frequentemente, estavam marcados pela experiência de classe e raça de Valadão.

Em *“a submissão: o ponto mais nevrálgico”*, e *“o casamento e o tão desejado lar”*, capítulos 4 e 5, os assuntos convergem para como as mulheres devem se portar nas relações de conjugalidade. A temática da submissão perpassa os capítulos como uma prerrogativa às religiosas. As exceções se dão apenas em casos em que o marido coage a esposa a ir contra ensinamentos cristãos e a praticar um sexo “ilícito”. Fora estes cenários, a insubmissão é percebida como ação demoníaca que age em prol da destruição da família. Logo, o sucesso matrimonial recai sobre a mulher, sendo ela a principal responsável por buscar a intervenção divina em situações de crise.

Em sequência, a temática apresentada é a sexual. No título do sexto capítulo se tem um bom resumo do que se espera das evangélicas quando se trata de sexualidade: *“não faça sem casar e não recuse a fazer se tiver marido”*. Dentre as orientações de Ana Paula Valadão, há o uso do sexo para encorajar o marido e o sexo como arma para lidar com crises conjugais. O prazer, embora estimulado, é restrito a práticas com o cônjuge. Para Valadão, a mulher sábia é também submissa na cama. A masturbação é totalmente desestimulada e, contraditoriamente, se orienta que a mulher guie o esposo às suas zonas erógenas.

Nina Rosas aponta sua dificuldade em olhar para as orientações sobre a vida sexual das fiéis sem interpretá-las como uma fiscalização dos corpos e das expressões de afeto e intimidade. Além disso, na perspectiva da autora, é curioso que, no que diz respeito a sexualidade, não é mais a liderança masculina que impõe restrições, mas outras mulheres em posição de liderança que disciplinam umas às outras.

No capítulo 7 nos deparamos com a maternidade compulsória e *“o peso da educação dos filhos”*. Para este segmento, filhos e filhas são parte da experiência do casamento e a escolha de não os ter escaparia da vontade de Deus. Mesmo aquelas que não podem conceber são incentivadas a gestarem “filhos espirituais”. Neste ponto, a experiência da autora com a maternidade é significativa à sua análise. Para ela, as orientações de Ana Paula Valadão são carregadas de “brutalidade”, pois, a rejeição à maternidade seria outro direito tolhido às evangélicas em questão.

Nina Rosas apresenta duras críticas aos discursos que teve acesso. No entanto, ao mesmo tempo em que relata comentários preconceituosos como, por exemplo, de que as famílias devem “blindar” as crianças da homossexualidade, assinala ter ouvido prescrições muito afetuosas sobre a criação de filhos, a ponto de ter sido impactada pelos sermões e, inclusive, aplicar certas dicas pastorais na educação de sua filha. Assim como a autora, fiquei incomodada com certas orientações, como também me percebi concordando com outras.

No oitavo capítulo, “o temido divórcio” está em pauta. Reafirmando o projeto divino do casamento, a abertura à possibilidade do divórcio se dá mediante casos extremos de violência psicológica e física. Quanto a isso, a autora faz uma observação pertinente. Embora o divórcio seja um último recurso e haja um incentivo para que a realização pessoal esteja marcada pela espiritualidade, é uma árdua tarefa as mulheres aceitarem a efetivação do divórcio, quando a teologia hegemônica coloca a família como um projeto supremo.

Nos dois últimos capítulos, “entre homens, gays, lésbicas e outros gêneros” e “o ‘feminismo’ é do diabo?”, a discussão gira em torno da construção social da identidade de gênero e da orientação sexual. A liderança da Igreja Batista da Lagoinha defende que pais e mães estão encarregados em oferecer referências adequadas de feminilidade, masculinidade e heterossexualidade à suas crianças. Cabe à família, heterossexual e monogâmica, vigiar tudo aquilo que é transmitido à sua descendência. Tanto a performance dos pais quanto a das crianças está sob escrutínio.

Além da construção social, Ana Paula Valadão explica a existência de identidades de gênero e sexualidades dissidentes como algo demoníaco, doentio e fruto de uma “moral depravada”. Para ela, os pecados sexuais têm consequências mais sérias, em comparação com pecados que não são cometidos no corpo, templo do Espírito Santo.

Ao feminismo atribui-se um projeto de destruição dos gêneros “naturais”, sendo este uma violação aos ensinamentos bíblicos. Para Ana Paula Valadão, o feminismo torna as mulheres autoritárias, grosseiras e rivais ao sexo oposto. Com o avanço do feminismo, os homens, diz Valadão, perdem seu lugar na sociedade, se tornando “bobos e sem inteligência”. Como consequência, a instituição familiar estaria em risco. E é a ela que se deve proteger a todo custo.

Como uma mulher educada na religião evangélica, fui socializada tendo acesso a discursos semelhantes aos que Nina Rosas nos apresenta. Mesmo estando fora da instituição há alguns anos, fui impactada, assim como “Nina” – por quem no final da leitura já sentia enorme empatia e proximidade – por uma moralidade que também cria já não me pertencer. Partilho de sua experiência quando afirma ser Ana Paula a “encarnação” da educação cristã que recebeu. Enquanto nos distanciávamos da religião, Valadão “buscava ser, das evangélicas, a mais exemplar”<sup>5</sup>.

Se Valadão é a evangélica ideal a todos os segmentos evangélicos, não sei, mas sinto que ao menos deste modelo de mulher virtuosa consegui me desvencilhar. *Mulher, pra quê religião?* me serviu para perscrutar quem um dia fui, quem sou e o que ainda carrego do pertencimento religioso. Para aquelas e aqueles que chegaram até aqui e não têm em sua biografia um percurso religioso como o nosso, acredito que, para além da satisfatória experiência acadêmica que a leitura tem a

---

<sup>5</sup> ROSAS, 2020, p. 6.



oferecer, a percepção de que as evangélicas estão mais próximas a “nós” do que supomos, talvez valha a aventura.

## Referências

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 5, p. 07-41, 1995.

ROSAS, Nina. **Cultura evangélica e dominação do Brasil**: música, mídia e gênero no caso do Diante do Trono. 2015. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

ROSAS, Nina. **Mulher, pra quê religião?** Uma crítica aos conselhos conservadores da pastora Ana Paula Valadão. [s.l.]: [s.n.], 2020.

SPYER, Juliano. **Povo de Deus**: quem são os evangélicos e por que eles importam. São Paulo: Geração Editorial, 2020.

**Recebido em:** 26 jul. 2022

**Aceito em:** 29 jul. 2022